

# LIMA BARRETO COMO (PRE)TEXTO

*Alexandre Batista da Silva*<sup>29</sup>

*Hilma Ribeiro*<sup>30</sup>

### RESUMO

O presente capítulo é uma reflexão a respeito do conceito de lugar de fala de Lima Barreto, um dos mais importantes escritores brasileiros, de reconhecimento tardio pela crítica literária. Com uma obra marcada pelo engajamento social, o escritor tematizou em sua obra o racismo que experimentou em toda sua vida. Neste capítulo, abordamos o romance *Clara dos Anjos*, de 1948. O romance de publicação póstuma, inaugura na temática do racismo a condição da mulher mulata na sociedade patriarcal do Rio de Janeiro do início do século XX. Já amadurecido, Lima Barreto constrói uma obra cujo retrato de uma sociedade cruel e preconceituosa é descrito palavra por palavra bem no estilo amargurado e agudo do autor. O objetivo do capítulo é associar a vida do autor às opções literárias de sua obra e mostrar uma possibilidade de uso de um de seus textos na sala de aula.

**Palavras-chave:** Lugar de fala; Racismo; *Clara dos Anjos*; Lima Barreto.

---

<sup>29</sup> É doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: alexandrebatistasilva1@gmail.com.

<sup>30</sup> É doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: hilmaribeiro1976@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O escritor Lima Barreto, cujo nome de batismo é Afonso Henriques de Lima Barreto, é reconhecido por suas temáticas e estilo linguístico como um dos mais importantes escritores da Literatura Brasileira. Com obras indicadas por importantes vestibulares no Brasil, o escritor foi consagrado pela crítica literária pelo olhar iracundo sobre a realidade social de seu tempo. Sua produção literária atinge um “nível de consciência social que o torna único tanto como escritor afrodescendente, quanto como predecessor dos romances do realismo social que surgiriam nas décadas de 1930 e 1940. (BROOKSHOW,1983). Inaugura, não sem o rechaço dos críticos de sua época, a abordagem do preconceito racial na Literatura, imprimindo cor a seus personagens, muitas vezes seus outros egos, e com uma força ficcional própria de um escritor que experimentou, ele mesmo, o problema que narra.

Lima Barreto é um daqueles raros casos no qual o autor precede a obra. Uma vida inteira de acontecimentos que justificam o registro em obra. Nos últimos anos, multiplicaram-se os estudos sobre a vida e a obra de Lima Barreto. A academia se interessou pelo autor por diferentes motivos, mas, sem dúvida, o ingresso de nossos pesquisadores oriundos das classes populares nos diferentes programas de pesquisa das universidades brasileiras estabeleceu a necessidade de novos objetos de estudos que apresentassem o Brasil aos brasileiros, revelando suas faces.

Lima Barreto servia bem a esse propósito: com um projeto literário combativo, renegado em seu tempo, usou a literatura como espaço privilegiado de denúncia da realidade de um país ideologicamente racista e excludente. Por meio de sua obra se pode conhecer o dilema dos negros e mulatos numa época em que a publicação de uma lei induzia a uma percepção de inclusão. Absolutamente imbuído da defesa de sua gente, Lima Barreto deu uma resposta afrodescendente aos estereótipos racistas dos naturalistas de seu tempo (cf. BROOKSHOW,1983).

Neste capítulo, buscamos, a partir de leituras e diálogos com outras áreas de conhecimento, apontar o lugar de fala de Lima Barreto e reconhecer em sua escrita os traços de uma identidade forjada no preconceito racial que ele retrata vividamente nas ficções de sua autoria. Procuramos fugir da descrição do problema do alcoolismo e problemas psiquiátricos do autor. Essa fuga deliberada se justifica no fato de não tratar efeito como causa. Se questões hereditárias sugerem algum tipo de explicação para a doença do escritor, deixamos esse debate de lado para focar em sua genial produção.

Assim, na primeira seção, intitulada Lima Barreto como texto, percorremos a biografia do escritor a fim de evidenciar suas experiências pessoais com o racismo experimentado desde a infância. Nesse percurso, de forma muito resumida, abordamos sua descendência afro-brasileira, infância pobre em um bairro da periferia do Rio de Janeiro, a dificuldade financeira da família, a morte da mãe e a doença pela qual seu pai é acometido. Depois, fora do núcleo mais restrito do grupo familiar, abordamos a vida social do escritor, desde sua chegada à escola primária até o curso técnico de engenharia que não chegou a concluir em decorrência da doença do pai. O resultado dessa descrição é o reconhecimento de que tanto o homem como o autor são irreversivelmente marcados pelo preconceito racial.

A segunda seção tem o nome Lima Barreto como pretexto. Nela, intencionamos mostrar como o conjunto de sua obra espelha suas experiências como vítima do racismo. Apontamos também a legitimidade de uma literatura combativa escrita de dentro do problema, com a pena forte de um artista engajado na luta pela emancipação dos iguais a ele. Para tal fim, em linhas gerais, discutimos sua obra e, mais especificamente, como o conhecido romance Clara dos Anjos pode fomentar boas discussões sobre o racismo na escola.

Esperamos contribuir com reflexão crítica de um assunto tão espinhoso, ora tratado com indiferença, ora com foco deslocado para uma compreensão que chega a colocar a culpa no negro pelas mazelas sociais a que é sujeitado na sociedade brasileira. De qualquer forma, o tema é uma espécie de tabu. Acreditamos que a obra de Lima Barreto desnuda o racismo brasileiro em suas diferentes facetas, o que faz da leitura de seus textos, além do deleite do contato com o texto literário de qualidade, um mergulho na história cultural do Brasil.

## LIMA BARRETO COMO TEXTO: A VIDA COMO HISTÓRIA E LITERATURA

Nos estudos da literatura brasileira nas escolas de nível médio, pouco se fala da vida dos autores. Normalmente, apresentam-se características gerais no limite da contextualização da obra foco da aula. Essa percepção, advinda da nossa experiência como professores desse nível de ensino, colabora com o obscurecimento de fatos importantes da vida de quem escreve, os quais podem contribuir decisivamente com a construção do significado da produção artística dos diferentes autores.

No caso de Lima Barreto, esse tratamento corrobora também com a descoloração de um autor marcado pelo racismo. Nesta seção, de modo não exaustivo,

promovemos a revisão dessa percepção de Lima Barreto, defendendo que sua vida merece ser estudada, pois seus dramas pessoais evidentemente motivaram suas crônicas, contos e romances. Bosi (2006), importante teórico da literatura brasileira, reconhece que muito da obra de escritor pode ser explicado por sua biografia:

A biografia de Lima Barreto explica o hùmus ideológico da sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amanuense, aliadas à viva consciência da própria situação social, motivaram aquele seu socialismo maximalista, tão emotivo nas raízes quanto penetrante nas análises (Bosi, 2006, p. 316).

Como se lê no excerto, a obra de Lima Barreto deve ser compreendida a partir do conhecimento dos acontecimentos de sua vida. Acreditamos que, ao contar sua história, estaremos também apontando o “lugar de fala” de um autor notadamente marcado por seu tempo. Emerge dessa discussão, então, o conceito de “lugar de fala”, termo associado a uma teoria racial crítica, que estabelece a autorização discursiva àqueles que, numa sociedade desigual, tem legitimidade para discutir e se expressar. O conceito não se confunde com representatividade, ou seja, não é preciso ser negro para discutir o racismo. Desse modo, o conceito não pode ser compreendido apenas como discurso proferido por uma pessoa. Ele está muito mais relacionado à assimetria que existe entre os grupos de indivíduos que convivem numa dada sociedade. Desse modo, o termo está associado à militância de movimentos sociais emancipatórios em defesa dos diferentes grupos sociais que foram histórica e sistematicamente silenciados.

Para Ribeiro (2017), o conceito de “lugar de fala”, de definição ainda imprecisa, diz respeito à consciência do papel que o indivíduo assume – ou é colocado – a partir de certas condições historicamente construídas. Segundo Ribeiro (2017), não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Sendo assim, o “lugar de fala” é a possibilidade de visibilidade de sujeitos silenciados ao longo da história de uma sociedade. Dessa forma, ao tratar da realidade experimentada pelos grupos sociais nos quais esses sujeitos estão inseridos, estamos estabelecendo o lugar político desses grupos. Por isso, a importância do conceito, ainda segundo a autora, para reconstituir a humanidade não reconhecida desses grupos a partir do reconhecimento de seus problemas históricos. A autora continua discutindo o conceito:

Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta. [...] Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma

possível “voz de ninguém”, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade. (RIBEIRO, 2017:42)

Lima Barreto teve fala por meio de suas diferentes obras literárias. O que tiraram dele foi o seu lugar histórico, descontextualizando a vida do autor ou focalizando o alcoolismo e a patologia mental, mas isolando seu discurso do lugar que ampliaria seu sentido, legitimando seu discurso e reconhecendo sua obra na dimensão literária, mas também como denúncia das relações raciais no Brasil.

A libertação dos escravos, instituída pela Lei Áurea de 13 de maio de 1988, não foi suficiente para libertar os negros das amarras culturais e econômicas, correntes tão fortes quanto as correntes que materializaram a escravidão nos mais de trezentos anos desse triste modelo no país. Primeiro tratado com uma naturalização manifesta no discurso da superioridade das raças, o racismo foi se revestindo de formas ainda mais cruéis que só a dissimulação pode proporcionar. A libertação jurídica dos negros, não lhes garantiu a integração à sociedade e aos bens culturais e civis proporcionados por ela. Desse modo, os negros libertos foram jogados a sua própria sorte.

Atualizando a discussão, na sociedade brasileira, há o que se convencionou chamar de racismo estrutural que, como diz Almeida (2018), não se trata de um problema conjuntural ou eventual, mas que se perpetua nas relações sociais. Munanga (2019), antropólogo e professor brasileiro-congolês, discute a questão da invisibilidade do negro e de como ele sofre ainda mais o preconceito e a discriminação quando ocupa lugares que, dentro de uma sociedade racista, estariam reservados aos brancos. Essa parece ser a situação de Lima Barreto: como intelectual ocupou com a pena literária um lugar reservado aos brancos de sua época. Foi ignorado como literato em seu tempo e descontextualizado desde o processo de entrada na Literatura Brasileira como escritor de qualidade.

É nesse sentido que a vida Lima Barreto pode ser vista como um texto, aqui assumido nos termos de Barros (1999), como “objeto de comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário, encontrando seu lugar como objeto cultural, inserido numa sociedade de classe e determinado por formações ideológicas específicas”. Ainda segundo a autora, essa compreensão estabelece que o texto deve ser analisado no contexto sócio-histórico no qual está inserido e atribui-lhe sentido. Lima Barreto pode, então, ser considerado um texto, cujo conteúdo é construído nos acontecimentos marcantes que tecem o sentido de uma vida toda e espelha na extensa obra literária de um autor marcado por uma sociedade racista que o perseguiu cruelmente.

Nascido em 13 de maio de 1881, sete anos antes da publicação da lei Áurea que aboliu de vez a escravidão no Brasil, Lima Barreto traz a marca da cor da pele, o que determinaria sua condição na vida. Filho de uma professora adoentada e de um pai enlouquecido, ambos negros, Lima Barreto conheceu desde cedo as agruras da distinção social. Sua avó materna, Geraldina Leocádia da Conceição, era escrava liberta. Ela era agregada da família Pereira de Carvalho. A bisavó, Maria da Conceição, era africana e fora trazida a roço para o Brasil nos chamados navios negreiros. Do lado do pai, também era neto de escrava, casada com um português de poucas posses. Essa hereditariedade determinou Lima Barreto.

Seu pai, João Henriques, mulato, tipógrafo, apesar de ter sonhado com uma vida melhor para a família, nunca conseguiu assegurar as condições mínimas de conforto e garantia alimentar. Doente de uma patologia mental que hoje é conhecida como transtorno bipolar, João Henriques experimentou um período de sucesso profissional, mas com seu posicionamento sobre a fundação da república, foi envolvido com polêmica política, o que lhe custaria o emprego e a ascensão profissional (*cf.* SCHWARCZ, 2017).

João Henriques teve de atuar como administrador da Colônia de Alienados da Ilha do Governador, mas adoeceu da mente e foi aposentado. De forma dramática, passa seus dias na casa da família, em Todos os Santos, sem nenhum papel contribuinte. Obviamente, essa experiência com a situação do pai, há de influenciar mais tarde o escritor – por exemplo, seu pai viraria personagem de suas diferentes obras, notadamente no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* – constitui também o homem Lima Barreto, amargurado, que dizia preferir não se casar por medo de não poder sustentar os filhos (*cf.* SCHWARCZ, 2017).

A mãe morreu em virtude da tuberculose quando Lima Barreto tinha apenas sete anos de idade. Dona Amália Augusta, agregada e dependente da mesma família que a mãe, conseguiu se formar professora e exerceu o magistério. O marido fundou uma pequena escola para meninas em sua própria casa, onde ela lecionou ajudando nas despesas da casa. Entretanto, dona Amália teve de se afastar da escola devido à saúde enfraquecida pela “doença dos pulmões”, conforme o nome que se dava à época. A mãe fora a primeira professora de Lima Barreto e ensinou-lhe as letras. Sua morte abalou-o profundamente, conforme se pode ler na seguinte passagem da obra biográfica intitulada *A vida de Lima Barreto*, de Barbosa (1988 [1952]):

Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu

caráter; mas em contrapeso, bem cedo me vieram o desgosto de viver, o retraimento por desconfiar de todos, a capacidade de ruminar mágoas sem comunicá-las a ninguém (BARBOSA, 1988, p. 44).

Na mesma linha de abordagem, Schwarcz (2017) afirma que a mãe lhe fez falta durante a vida toda e sempre recordava seu olhar. Segundo a autora, Lima Barreto afirmou que “[...] deixando-me na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu caráter...” (2017:58). É de se notar que a constituição familiar do escritor, marcada por sofrimento diário desde a tenra idade, influencia, como o próprio autor afirma, o seu caráter e o enfrentamento das primeiras manifestações de preconceito, tanto pela origem africana notadamente marcada na sua cor de pele, como pela doença (loucura do pai e tuberculose da mãe).

A família do escritor mudou-se várias vezes, mas inicialmente morando num bairro que hoje é conhecido como Laranjeiras, no Rio de Janeiro, Lima Barreto conheceu, talvez, a primeira configuração urbana da desigualdade social. Segundo Schwarcz (2017),

O bairro congregava um pouco de tudo. Famílias abastadas ostentavam chácaras espaçosas ou por vezes optavam pelos *chalets*, influência inglesa, um tipo de residência de padrões regulares, mas que não economizava nos detalhes inscritos nos fartos e bastantes artificiais materiais extensos [...]. Podiam-se encontrar, por lá, ainda, as primeiras habitações de classe média, as quais acomodavam um florescente funcionalismo público atrelado à capital e que costumava preferir morar nas assim chamadas vilas, localizadas nos arredores da região central da corte e depois capital da república. Também em fins do século XIX apareceram as primeiras fábricas têxteis. [...] A presença crescente de uma população operária levou ao surgimento, sobretudo, no início do XX, de moradias populares mais próximas às regiões fabris, como vilas operárias e casas de cômodos (SCHWARCZ, 2017, p. 22).

Inclusive, segundo a mesma autora, havia um grande cortiço, moradia muito simples que servia de habitação coletiva para a população pobre, na mesma rua onde morava Barreto. Nesse ambiente de evidente diferença social materializada na arquitetura das casas, Lima Barreto cresce fruto de uma situação de muita dificuldade financeira. Esse primeiro nível de preconceito e a própria dor oriunda da experiência vão constituir um Lima Barreto magoado com a vida, sentimento que se refletirá em sua obra, como manifestação do seu lugar de fala. Entretanto, esses acontecimentos da vida íntima de Lima Barreto terão consequências ainda maiores na sua vida pública.

Duplamente marcado por descendência africana, Lima Barreto sofreu o racismo de uma sociedade fortemente marcada pelo modelo escravagista antes e após a abolição. Passou a frequentar uma pequena escola pública, onde conheceu

a recém-publicada Lei Áurea. Já nessa época, Lima Barreto dava sinais de tristeza profunda: “Dizia-se que o menino era muito ressabiado; andava sempre meio cabisbaixo, não dava conversa para ninguém” (SCHWARCZ, 2017, p. 60). Por volta dos sete anos, Lima Barreto fora acusado injustamente de roubo. Segundo o que se encontra em seu Diário, já pensou em se matar (cf. SCHWARCZ, 2017; BARBOSA, 1999). Já se via, portanto, nessa época, as marcas que as tintas dos preconceitos deixariam no homem.

Lima Barreto, apadrinhado por Visconde de Ouro Preto, ministro do império, estudou em escolas de grande desempenho. Primeiro cursou secundário no Colégio Pedro II, renomada escola da época (e ainda hoje). Depois, único negro da Escola Politécnica, cujos estudantes eram filhos brancos da elite, experimentou toda espécie de discriminação e conheceu o racismo na sua manifestação mais pura. Lima Barreto, iniciou o curso de Engenharia, foi perseguido por professores e colegas que abertamente afirmavam as diferenças entre eles e o autor. Prado (1980) afirma que

era difícil, impossível mesmo continuar aquela vida estudantil. Lima Barreto era perseguido pelo professor Licínio Cardoso, sofria constantes reprovações injustas e experimentava frontalmente a discriminação racial. Seu sentimento de revolta, suas atitudes pessimistas e seu complexo de inferioridade aumentam (PRADO, 1980, p. 04).

A recente biografia do autor, escrita pelo SCHWARCZ (2017), também registra essa realidade:

O menino começaria a sentir na pele a diferença de classe e a existência de um racismo dissimulado. Vivía constrangido diante dos colegas mais abonados, que, dizia, se “destacariam, mais tarde, na magistratura, no jornalismo, na carreira das armas, no magistério”. Já ele sofria por sua origem e condição econômica muito distintas das dos demais alunos (SCHWARCZ, 2017, p. 99).

Com essa situação evidentemente excludente, Lima Barreto passava horas estudando e isolado. Quando alcançou o terceiro ano do curso, em 1903, foi obrigado a abandonar seus estudos em virtude do enlouquecimento de seu pai. Ele precisava trabalhar para sustentar seus três irmãos. No ano seguinte, iniciou a carreira pública de escriturário do Ministério da Guerra, função na qual se aposentou. Frustrado por uma sociedade racista, entregou-se ao álcool, o que o levou a internações no Hospício Nacional. Em 1922, morre por complicações cardíacas na véspera do dia de finados.

À guisa de conclusão, a seção tentou sintetizar aspectos da vida de Lima Barreto que podem constituir seu lugar de fala. Na próxima seção, será

apresentado o autor, seu estilo e obra e como sua produção pode ser foco do trabalho didático.

## LIMA BARRETO COMO PRETEXTO: A DISCUSSÃO DO RACISMO NA SALA DE AULA

Na seção anterior deste capítulo, procuramos, de maneira modesta, apontar o lugar de fala de Lima Barreto. Metaforizando a tessitura de um texto, puxamos os fios da vida do autor para mostrar os impactos do racismo na construção de sua identidade, o que, naturalmente, influenciaria sua obra literária. Nesta seção, focaremos o Lima Barreto autor marcado por um contexto social excludente que lhe conferiu um olhar crítico sobre seu próprio tempo. Por fim, proporemos uma atividade em sala de aula que tome o romance *Clara dos Anjos* como pretexto para discussão da situação do negro no Brasil.

Sob os efeitos de uma sociedade escravocrata mesmo depois da abolição da escravidão, a obra de Lima Barreto foi desenvolvida nas duas primeiras décadas do século XX, no período da chamada primeira república. Não por acaso, explora as injustiças sociais desse período marcado por muitos conflitos: os caciques da política e da economia se perpetuavam no poder por meio da fraude e truculência; a existência de corrupção e, obviamente, pouco interesse pelo bem-estar social. Apesar da efervescência cultural da transição do século XIX para o XX, as mazelas sociais que assolavam a sociedade deixam clara a distinção social entre os grupos sociais mais abastados e aqueles outros muito pobres. Não havia nenhum sinal de mudança real.

É nesse contexto que Lima Barreto entra para a literatura brasileira, fazendo de suas crônicas, contos e romances espaços privilegiados para o debate – inédito à época – sobre a situação dos negros e mestiços. Sua intenção, segundo diferentes pesquisadores, era de escrever para incomodar o público com as narrativas feitas por ele. Foi assim, por exemplo, no romance *Recordações de Isaías Caminha*, publicado em 1909. Nessa obra, o autor mostra claramente as impiedosas manifestações de preconceito racial no Brasil. Obviamente, a temática era incomodativa ao público leitor da época, o que lhe rendeu duras críticas dos seus contemporâneos. O escritor se ressentia dessa rejeição, como se pode ver na citação de Douglas Tufano:

“É triste não se branco”. Lima Barreto escreveu esse desabafo no seu Diário íntimo. De fato, era triste não ser branco numa sociedade com forte preconceito racial. Esse preconceito exasperava o escritor. Sabia que era um homem culto, inteligente, mas,

por ser mulato, era tratado pelos outros como inferior, era humilhado, as portas fechavam-se para ele, dificultando muito sua carreira e sua própria condição econômica (TUFANO, 2016, p. 51).

Ao mesmo tempo em que essa constatação o feria, também servia de inspiração para que Lima Barreto recheasse sua obra com a problemática angustiante: as questões de classe e raça são recorrentes sua autoria. O lugar de fala de Lima Barreto tornava legítimas suas personagens e seus enredos. Não se tratava apenas de ficção construída por um escritor-observador da realidade – o que não é nenhum demérito de uma obra –, mas por escritor que registra sua própria experiência. O que queremos destacar é que Lima Barreto produziu sua obra, utilizando as operações do processo de criação literário, sobre o que vivenciou na própria pele, como se pode ver no excerto a seguir:

À margem da sociedade devido à cor de sua pele e, paradoxalmente, dentro dela por ser escritor, Lima Barreto não se constringe em ser tanto um suburbano quanto um homem assumidamente de ascendência negra, num momento histórico em que era regra ocultar a afrodescendência, na crença pueril de que os sucessivos cruzamentos raciais transformariam a população mestiça brasileira, no decorrer de um século, numa população homogeneamente branca, sem contar que a alta mestiçagem existente no Brasil constituía, nessa época, “uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação” (SCHWARCZ, 1993, p. 13).

Tem-se, então, uma mão firme no propósito de escrever as agruras de pessoas invisíveis na sociedade, mas que teriam visibilidade na obra de um autor que conhecia muito bem suas dores. Por isso, Lima Barreto “não deixa escapar as mínimas variações da ‘cor escura’, prática estranha à época tanto na literatura como na pintura, e até mesmo na fotografia” (SCHWARCZ, 2017, p. 408). Para essa mesma pesquisadora,

A partir desse pretense pequeno detalhe, a cor, é possível descobrir um escritor muito atento às variações em torno do tom de pele marrom e às especificidades de uma literatura impactada pelos temas e pelas cores sociais da população afrodescendente. Isso, numa época em que os personagens oriundos desses grupos, quando apareciam nos romances, ainda era majoritariamente escravos ou, se tanto, remediados, quando não vilões (SCHWARCZ, 2017, p. 408).

A preocupação do autor com o tom de pele de seus personagens não era só estilista. Lima Barreto percebeu a formação de discurso que insinuava uma democracia racial pós-abolição. Essa falsa percepção das relações raciais no Brasil não só obliterava o fracasso da ascensão social dos negros e mestiços, mas enaltecia a elite branca que temia uma reação dos ex-escravos e queria se livrar de qualquer responsabilidade social com a população negra recém-libertada.

Lima Barreto escreve para elucidar esse mecanismo de opressão. As cores das personagens assumem singular importância: o autor não aborda apenas o negro retinto. Ele tematiza também os problemas dos mulatos, mestiços que figuravam como média entre as duas etnias, mas sofriam os mesmos preconceitos vividos pelos negros. Daí a necessidade do detalhamento que deva a dimensão da vida desses grupos. Schwarcz (2017) afirma que

Na obra de Lima Barreto há detalhes que saltam aos olhos. O escritor é muito minucioso ao anotar (e quase desenhar) as falas, as vestes, as expressões de seus personagens e dos transeuntes, assim como jamais deixa de descrever, com pormenores, suas cores. Não poucas vezes ficamos sabendo como a diferença de origem se expressava numa linguagem social das cores; uma convenção sutil que compõe papel paralelo e complementar às várias políticas de exclusão racial experimentadas no pós-abolição (SCHWARCZ, 2017, p. 418).

É com essa tinta que, já escritor bastante amadurecido, Lima Barreto escreve *Clara dos Anjos*, obra concluída em 1922, ano no qual o escritor faleceu. Entretanto, só foi publicada em 1948. Romance mais burilado do autor, tematiza de forma mais geral todas as questões perseguidas pelo autor: a segregação social, as questões raciais que, somada à primeira, revelava a hipocrisia brasileira. Além dessas duas graves questões, Lima Barreto acrescenta a questão de gênero, tema inovador e bastante polêmico no seu tempo. Mais especificamente, o romance problematiza a mulher negra naquele contexto em a mulher, inclusive para as não negras, tinha um papel social determinado por uma sociedade fundamentalmente patriarcal, na qual a mulher era uma espécie de objeto de troca.

A personagem principal Clara tem dezessete anos. É muito bonita com uma educação primorosa. Mas, filha de um carteiro e uma dona de casa, é pobre, moradora de um bairro no subúrbio do Rio de Janeiro, o que demarca sua condição social. Essa marca somada ao fato de ela ser mestiça, mulata como referida no texto, torna Clara ainda mais frágil como agente social. Subjugada por Cassi Jones, que, apesar de família de pequenas posses, gozava do prestígio do homem branco. Por meio de mentiras e até assassinato, a moça, ingênua, se deixa envolver pelo rapaz e, quando engravida, é abandonada à própria sorte numa sociedade que não a perdoaria. Mas, ao mesmo tempo da dor do abandono, toma consciência de sua situação naquele mundo.

Este breve resumo não esgota, obviamente, a beleza da trama espinhosa da obra, pois se trata de uma obra importante em diferentes dimensões, notadamente como objeto de literatura, dados os recursos estilísticos empregados pelo autor na sua construção. Recomendamos a indicação da leitura integral da obra pelos

estudantes. Para atender aos objetivos deste capítulo, pode-se discutir, com base na leitura do livro, temáticas mestiçagem no Brasil e as condições da mulher negra na sociedade brasileira.

A temática da **Mestiçagem no Brasil** pode ser observada na opção que Lima Barreto faz na construção da personagem principal. Ele descreve Clara como mulata e não negra. Com isso, o autor parece indicar, na gradação da cor negra, a miscigenação de uma sociedade hipócrita, mas que sujeita os dessa cor aos mesmos preconceitos dos negros como se disse anteriormente. Há, portanto, um recorte de cor a ser debatido tanto do ponto de vista da época como contemporaneamente.

A esse respeito, o professor Munanga (2019) aponta e desconstrói as ideologias presentes nos discursos oficiais sobre mestiçagem ao longo do século XX. Para o professor, esses discursos contribuíram para a invisibilidade do afrodescendente no Brasil. Nesse sentido, a celebração da miscigenação era um artifício para o apagamento de grupo social. Além da articulação do romance Clara dos Anjos com o texto de Munanga, pode-se, ainda, utilizar as opções que Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utiliza para a autodeclaração da cor pelos entrevistados. Depois do debate, é possível montar um painel, a exemplo da conhecida tela Operários de Tarsila do Amaral.

A temática **condições da mulher negra na sociedade brasileira** surge pela leitura atenta da obra, cujo enredo mostrará que a mulher negra sofre duas vezes: a inserção na categoria mulher numa sociedade patriarcal da época e o fato de ser negra como aspecto intensificador do sofrimento e a condição de maior invisibilidade. Lima Barreto declara a beleza de Clara. É possível fazer uma ampla discussão sobre o padrão de beleza que sujeita a mulher uma objetivação comercial e a condena a um lugar muito específico no imaginário social. É importante atualizar a discussão de como a mulher negra é tratada pelo mercado de trabalho e pela indústria de cosméticos, por exemplo. Excertos da obra de Simone de Beauvoir podem contribuir com melhor visualização da questão.

Nesta seção, procuramos demonstrar como a obra de Lima Barreto pode fomentar a discussão sobre racismo na sala de aula. Colocar a obra literária a serviço da emancipação dos sujeitos-estudantes é uma forma de manifestação da função social da literatura, dimensão na qual ela deve fomentar, por meio da reflexão e crítica, a identificação e superação das travas socioculturais que travam a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, reafirmamos o lugar de fala de Lima Barreto. A restituição desse lugar é uma forma de respeitar o projeto de literário do autor. Sem reconhecimento em sua época, é legítimo que o tempo responda aos seus anseios de discutir a sociedade brasileira em uma de suas facetas mais perversas: o preconceito social. O reconhecimento tardio da qualidade da literatura de Lima Barreto abriu caminho para estudos dialogados com outras ciências como a História, a Sociologia e a Antropologia.

A demanda social relacionada ao combate ao racismo e, dentro dele, a visibilidade das questões da mulher negra brasileira ainda é muito grande e é preciso criar situações de enfrentá-las. Acreditamos que a obra de Lima Barreto é, nesse sentido, um poderoso pretexto para abrir essa discussão necessária. A sala de aula é um espaço propício para tornar Lima Barreto objeto de reflexão sobre a sociedade de sua época, uma vez que como obra literária clássica, é nesse espaço que sua obra pode ser o trampolim para formação de cidadãos melhores.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Martins Fontes. 2. edição. São Paulo, 1997.
- BARBOSA, F. de A. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 1999.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 44<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BROOKSHOW, D. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- CRISTOVÃO, V. L. L.; MACHADO, A. R. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. *In: Revista Linguagem em (Dis)curso*, vol. 6, n<sup>o</sup>. especial, set/dez. 2006.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

PRADO, A. A. **Lima Barreto 1881-1992** – seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercício. São Paulo: Abril Educação, 1980.

REZENDE, B. **LIMA BARRETO Toda crônica**. Rio de Janeiro, Agir, 2004, 2 vols.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto triste visionário**. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

TUFANO, D. **Lima Barreto: crônica, conto, romance na sala de aula**. São Paulo. Moderna, 2016.